

Ir para melhorar de vida: estratégias e trajetórias da migração de famílias rurais da Zona da Mata de Minas Gerais

Getting out to make a better life: migration strategies and trajectories of rural families in the region of Zona da Mata, Minas Gerais, Brazil

Sheila Maria Doula*
Marco Paulo Andrade**
Isadora Moreira Ribeiro***
João Paulo Louzada Vieira****

Palavras-chave:
Migrações
Famílias rurais
Relações Intergeracionais

Resumo: O objetivo do artigo é analisar estratégias e trajetórias migratórias de três gerações de famílias rurais da Zona da Mata Mineira, no Brasil, observando-se ressignificações da expressão “melhorar de vida”. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a aplicação de questionários a 76 jovens de origem rural que atualmente cursam o ensino superior. Os resultados apontam que o projeto familiar sofreu modificações simbólicas e objetivas quanto ao sentido de migrar para buscar oportunidades, aos parâmetros do que significa melhorar de vida na atualidade e aos campos de possibilidades abertos às novas gerações.

Keywords:
Migration
Rural Families
Intergenerational Relations

Abstract: This work aims to analyze the migration strategies and trajectories of three generations of rural families in Zona da Mata, Minas Gerais, Brazil. To perform this analysis, were observed the re-significations of the expression “to make a better life”. The methodology consisted of bibliographic research and a survey (76 questionnaires) with rural youngsters currently in college. Results showed that the family’s project suffered both symbolic and objective modifications in terms of migration in search for opportunities, of the parameters that provide meaning to “make a better life” nowadays, and of the fields of possibilities available to new generations.

Recebido em 24 de julho de 2019. Aprovado em 02 de setembro de 2019.

Introdução

“Melhorar de vida” e “buscar oportunidades” são expressões que, no senso comum, motivam e justificam os movimentos migratórios. Situando-se a expressão “melhorar de vida” nos projetos de deslocamentos socioespaciais familiares e nos diferentes significados que a expressão comporta ao longo do tempo, pretende-se, neste artigo, analisar as motivações e os resultados das trajetórias migratórias de três gerações de famílias rurais da Zona da Mata Mineira. Entende-se aqui que os

movimentos socioespaciais¹ permitem focalizar a família rural como ponto de intersecção entre a dimensão histórica e socioeconômica e a dimensão ética, moral e subjetiva, ambas orientando a necessidade de construir estratégias de reprodução social distintas em determinados campos de possibilidades.

No Brasil, historiadores sinalizam que o sentido das expressões “melhorar de vida” e “buscar oportunidades” forma um legado cultural; afinal, durante os séculos de nossa formação territorial e cultural, herdamos a tradição dos próprios

* Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1991) e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997). Pós-doutorado no Programa Postdoctoral de Investigación en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud da CLACSO. Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal de Viçosa. *E-mail*: <sheiladoula@gmail.com>.

** Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Viçosa, Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). *E-mail*: <andrade.marcop@gmail.com>.

*** Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestrado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, Doutoranda em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). *E-mail*: <isadora.moreiraribeiro@gmail.com>.

**** Graduação em Direito pela Univiçosa, Licenciatura em História pela Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). *E-mail*: <joaopaulo.direito@yahoo.com.br>.

colonizadores europeus que saíram de suas terras para “fazer a América” (FAUSTO, 1999). Esse legado possibilitou vincular no imaginário social a migração como sinônimo de ascensão social. Assim, a ideia de “fazer-se” em outro lugar criou um repertório de representações que motivou a migração em nosso país, impondo-se quase como um destino inevitável para ascender socialmente ou alcançar um patamar de igualdade social. A análise dos fluxos migratórios dos brasileiros pelo território possibilita destacar que as oportunidades para “melhorar de vida” e seus lugares de oferta variaram historicamente, seguindo a oscilação de eixos de desenvolvimento econômico que ora podiam incentivar, ora podiam dificultar os deslocamentos populacionais, canalizando e direcionando geograficamente esses fluxos.

Quando focalizamos o tema das migrações no país, surge como decorrência quase inevitável associá-lo à mobilidade espacial das populações rurais, sendo importante destacar que o termo *êxodo* foi largamente utilizado no decorrer do século XX pelos cientistas sociais como chave interpretativa para a análise de diferentes etapas de mobilidade e de abrangência territorial, que podiam abarcar tanto os deslocamentos regionais entre campo-campo (no caso da abertura de novas fronteiras agrícolas), como os deslocamentos campo-cidade (no caso dos processos de industrialização e ofertas de emprego urbano). Também como resultado desses modelos explicativos convencionou-se considerar (analítica e estatisticamente) o campo como polo expulsor de mão de obra, em contraponto às cidades, interpretadas como atrativas em função de processos de urbanização, industrialização e modernização.

Lucena (1997, p. 40) identifica que, nos anos 1950-60, alguns fluxos de deslocamento estavam claramente demarcados: como regiões de entrada, estavam São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Centro-oeste; como regiões de saída, figuravam Minas Gerais, Espírito Santo e estados do Nordeste². Como resultado desses fluxos, criou-se um conjunto de representações dicotômicas sobre o rural e o urbano e sobre as diferentes regiões do país, que deu origem a uma escala valorativa sobre as populações desses espaços em termos de maior

ou menor acesso e adaptação aos estilos de vida considerados modernos.

Woortmann (1990, p. 36) destaca que São Paulo nem sempre correspondia a uma identificação territorial precisa; antes, era uma categoria classificatória, “o mundo”, que em oposição às carências ao Nordeste, era o lugar de riqueza, modernidade e fartas oportunidades. Brito (2000) também destaca a construção imaginária de um *sul maravilha*, referindo-se a São Paulo e Rio de Janeiro, idealizado por migrantes mineiros; enfatiza, no entanto que, aos poucos, as dificuldades e os fracassos no percurso rural-urbano começaram a promover um descolamento da ideia de mobilidade social atrelada à mobilidade espacial, impondo-se a seletividade como o maior obstáculo à possibilidade de livre ascensão econômica e social. Aquilo que o autor chama de *ilusão migratória* refere-se a não correspondência entre as promessas de “melhorar de vida” nesse “sul” e as poucas probabilidades de êxito (BRITO, 2000). Os fracassos acumulados com as experiências migratórias mostraram que as terras de oportunidades estavam sujeitas aos mesmos crivos das desigualdades sociais e à mesma seletividade vivida nos locais de origem (WOORTMANN, 2000, p. 19).

Se a expressão “terras de oportunidades” possui historicamente uma variação semântica, também se pode dizer que as possibilidades de “melhorar de vida” abarcam significados variáveis, incluindo-se a permanência ou a saída dos lugares de origem como estratégias individuais, familiares ou coletivas para alcançar esse objetivo. Para os migrantes, notadamente os rurais, é comum atribuir-se à esfera do trabalho (e à materialidade econômica que ela permite) os sinais visíveis que refletem a melhoria das condições de vida, principalmente quando os locais de origem são marcados pela precariedade, por ausências ou isolamento (DURHAM, 1973; MACIEL, 2013). Lucena (1997), em sua pesquisa com migrantes mineiros que foram para São Paulo, destaca que na fase denominada de “êxodo” rural a cidade era sinônimo de civilização, do trabalho leve e fácil, do conforto, lugar de ganhar dinheiro. “A mudança para o urbano tinha, portanto, um significado de

progresso para os migrantes” (LUCENA, 1997, p. 41) e estar na cidade já podia denotar, por si só, “melhorar de vida”.

Aspectos importantes da pesquisa de Maciel sobre trabalhadores rurais migrantes do Nordeste, Paraná e Minas Gerais que se dirigiram para o interior do estado de São Paulo na década de 1980 indicam que a expressão “melhorar de vida” comporta “[...] além da instrumentalidade e materialidade econômicas, a possibilidade de substituição de padrões de comportamento e dominação por outros, bem como o acesso a direitos sociais” (2013, p. 18). A autora elenca quatro aspectos da trajetória migratória que dão sentido à expressão na visão de seus entrevistados: 1) “melhorar de vida” com significado cultural de acesso ao consumo, criando-se necessidades e *habitus*³ urbanos como indicativos de mudança de status (como a possibilidade de ter casa própria, comer carne todo dia, adquirir eletrodomésticos e veículos); 2) “melhorar de vida” como acesso a direitos sociais, representados como inexistentes em seus locais de origem, particularmente aqueles oferecidos pelos serviços públicos de saúde e educação (na valorização da educação residiria uma estratégia familiar de afastar os filhos do trabalho “pesado” da agricultura e possibilidade de ascensão social); 3) “melhorar de vida” como libertação de esquemas de dominação tradicionais, significado atribuído principalmente pelas mulheres que representam a migração como oportunidade de fuga em relação aos pais e maridos, mas também pelos homens jovens que veem a oportunidade de sair da propriedade e da autoridade paternas em busca de autonomia; 4) “melhorar de vida” como possibilidade de circulação em novos espaços sociais de vida e como acúmulo de experiências diferenciadas: para muitos migrantes a migração é interpretada como ritual de passagem para a vida adulta e como possibilidade de criação de novas identidades, forjadas nos processos de aprendizagem e ressocialização em outros espaços socioculturais (MACIEL, 2013).

No entanto, conforme aponta Maciel (2013), a partir dos anos 1990, as ligações simbólicas e materiais entre migração e ascensão social

deixam de ser automáticas e representadas como totalmente positivas, não só porque os resultados dos deslocamentos socioespaciais trouxeram perdas de várias magnitudes (familiares e individuais) mas também porque outros valores simbólicos e outras escalas de seletividade, tal como a maior escolaridade, passaram a se constituir para alguns novas alternativas, para outros novos obstáculos para a ascensão social (BRITO, 2000; MACIEL, 2013).

Por isso Neves (2017, p. 9) destaca que a expressão “melhorar de vida”, como pressuposto da migração e em sua interpretação estritamente econômica, tem sido naturalizada e tomada como autoevidente pelos pesquisadores. A autora, ao analisar a trajetória migratória de pequenos produtores rurais, considera que a expressão, embora comporte um importante fundamento econômico, também abarca outros significados ligados aos projetos familiares. “Melhorar de vida” refere-se à percepção da própria família e sua trajetória em um eixo temporal, pois “[...] se configura como legado moral transmitido às gerações, em demonstração que o futuro está aberto a diversas alternativas não previamente definidas” (NEVES, 2017, p. 4). Desse modo, a expressão

[...] é portadora da convicção de que, a cada geração, as possibilidades presentes e incorporadas devem ser avaliadas, de modo a que as situações concebidas como restritivas a um padrão situacionalmente valorado de inserção social sejam enfrentadas e possivelmente superadas. (NEVES, 2017, p. 4).

Além de chamar a atenção para o elo geracional que pode passar despercebido na expressão, ou seja, na esperança de que as novas gerações sempre alcancem condições concretas e subjetivas de melhoria, Neves (2017, p. 9) ressalta a dimensão ética e moral que orienta a migração no sentido da constituição de um “agente produtivo autônomo”, sendo o resultado da estratégia migracional passível de avaliação pública como sucesso e motivo de ostentação, ou fracasso, visto como vergonha moral. Em concordância, como

ressaltou Woortmann (1990, p. 37), a própria viagem para lugares mais “adiantados”, em um sentido ritual, “torna as pessoas superiores a quem nunca saiu do lugar”.

O valor moral da migração com objetivo de “melhorar de vida” também orienta, segundo Neves (2017), o comportamento do próprio migrante. Os sacrifícios e sofrimentos, tanto aqueles vividos pela família com a ausência do migrante, como os vividos pelo migrante longe da família, podem ser recompensados se houver controle e disciplina para poupar recursos econômicos, “[...] mormente se destinados a oferecer alternativas para a reinstalação do produtor ou dos respectivos filhos nas condições por eles assim desejáveis” (NEVES, 2017, p. 6). Assim, a migração ainda comporta um sentido moral em termos intergeracionais, pois implica uma ligação entre sacrifício, comedimento e poupança, “gastando o mínimo para poupar o máximo” (WOORTMANN, 1990, p. 36), não com o sentido de acumulação, mas como construção de garantias de um futuro melhor. Trata-se de “[...] um sacrifício em um plano, dado o sentido simbólico da viagem, para colher um benefício em outro plano” (WOORTMANN, 1990, p. 38), isto é, “para ter o futuro da gente” (FRAGA, 2002).

A expressão implica, ainda, a “constituição exemplar dos filhos e do ser adulto” (NEVES, 2017, p. 5) alicerçada, de um lado, pela obrigação moral da retribuição, que somente pode ser efetivada quando se está “melhorando de vida” e, de outro, pela manutenção do eixo de referências éticas e morais que a família representa (SARTI, 1994, 2004). Valores como honra, respeito, honestidade e retidão de caráter formam uma alegoria de representações simbólicas em torno do trabalho e da família rural que devem ser lembrados mesmo a distância, caso contrário a migração pode resultar em ruptura, desobediência, individualismo, em se “perder”. Assim, mesmo quando longe e marcados pelas ausências, os migrantes devem manter certas lealdades familiares e intergeracionais para cumprir com seu papel e seu destino, carregando legados e repetições de comportamentos, ideias, motivações e escolhas que mantêm a rede familiar resistente e unida (BACAL; MAGALHÃES; CARNEIRO, 2014).

Por isso, as histórias da migração, quando contadas aos filhos e netos, são “histórias de sofrimento e de superação” (SILVA; PAIT, 2016, p. 71).

Situado o debate sobre a relação intergeracional das migrações, este estudo se insere na linha investigativa que analisa as estratégias migratórias como legado cultural, priorizando a expressão “melhorar de vida” como eixo dos valores simbólicos que mobilizam as práticas de famílias rurais.

Percursos metodológicos da pesquisa

A pesquisa, de caráter qualitativo, teve como procedimento de coleta de dados a aplicação de 76 questionários, com o intuito de caracterizar os fluxos migratórios familiares na perspectiva de jovens rurais, que estão em deslocamento para a realização de estudos universitários. A escolha dos jovens possibilita verificar a validade da migração como estratégia e expectativa de “melhorar de vida” em uma linha do tempo e suas ressignificações entre as gerações. A média da faixa etária dos participantes da pesquisa é de 22,4 anos, sendo 45% do sexo feminino e 55% do sexo masculino. Os universitários estão matriculados em cursos de diferentes áreas do conhecimento no campus da Universidade Federal de Viçosa, na cidade de Viçosa/MG. Os jovens são nascidos na mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais e em suas trajetórias alguns deslocamentos para as cidades (como Viçosa e outras do interior da região) foram verificados, com duração de dois a seis anos, motivados para cursar o ensino médio e o ensino superior.⁴

O questionário continha 19 questões e dentre as 13 questões abertas solicitou-se aos jovens o preenchimento de um quadro com trajetórias migratórias dos seus familiares, motivos dos deslocamentos e períodos de permanência em cada lugar de destino. Obteve-se, assim, um mapeamento de 76 famílias. Os próprios jovens preencheram os questionários.

Os textos elaborados pelos jovens como respostas às questões abertas foram digitados, mantendo-se as particularidades da escrita, e operacionalizados no software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de

Questionnaires (Iramuteq), 0.7 Alpha2. Este software permite realizar uma análise lexical quantitativa considerando a palavra como uma unidade de texto e sua contextualização dentro do corpus textual. Para a análise, foram construídas representações gráficas de nuvem de palavras, que são construídas pelo agrupamento e pela organização lexical de palavras em função da frequência com a qual são evocadas no texto.

Dos 76 questionários aplicados, obteve-se um corpus total constituído por 76 textos, os quais puderam ser divididos em 172 segmentos de texto (ST), originando uma nuvem geral representando graficamente o “melhorar de vida” na concepção da primeira, segunda e terceira geração. Desses dados, posteriormente, o corpus total foi dividido em dois subcorpus, um considerando as respostas referentes à primeira e à segunda geração (76 textos separados em 78 ST) e outro sobre a terceira (76 textos separados em 94 ST), dando origem a duas nuvens de palavras distintas. Para o objetivo do trabalho, alguns termos evocados foram excluídos, como advérbios, artigos, conjunções, onomatopéias e preposições.

Posteriormente, esses textos foram analisados em seus conteúdos (BARDIN, 1994), nos quais foram focalizadas as representações positivas e negativas (MOSCOVICI, 2010; JODELET, 2001) que os jovens rurais elaboram sobre as trajetórias migratórias familiares.

Estratégias e trajetórias geracionais

Para as questões sobre as trajetórias migratórias familiares, a primeira reação dos jovens participantes foi perguntar se deveriam indicar todos os membros da família que migraram em algum momento (“são tantos!”) ou se poderiam mencionar apenas “os principais”, entendidos como avós, pais e irmãos. Como o objetivo dessas questões era mapear a estratégia das migrações em um eixo temporal, a segunda alternativa foi adotada. Em média, os jovens identificaram seis pessoas em diferentes gerações de suas famílias como migrantes, compondo cerca de 450 pessoas com percursos, tempos de saída, permanência e retornos

mapeados. Tal composição permite corroborar a tese da migração como elemento cultural da Zona da Mata Mineira, pois o movimento de deslocamento foi verificado em diferentes épocas, incluindo-se os movimentos de retorno ao local de origem (COMERFORD, 2014).

Historicamente, os movimentos migratórios das famílias desses jovens se situam no período entre das décadas de 1950 a 1980, bem como no período dos movimentos de retorno dos migrantes verificados a partir dos anos 1990. Paiva e Toma (2005, p. 214) analisam o retraimento dos índices de população economicamente ativa empregada no setor agropecuário, que no estado mineiro, em 1950 representava 60%, em 1970 esse percentual caiu para 50% e em 1980 para 32%. Ainda segundo os autores, a proximidade espacial e o baixo nível de capitalização dos trabalhadores rurais seriam fatores para justificar porque “[...] as evasões populacionais ocorridas na região da Zona da Mata a partir de fins da década de 1960 e início de 1970, predominaram em direção aos centros urbanos nacionais como São Paulo e Rio de Janeiro” (PAIVA; TOMA, 2005, p. 215).

Após elaborarem as pirâmides demográficas para as décadas de 1960, 1970 e 1980 relativas à Zona da Mata Mineira, Paiva e Toma (2005, p. 221) verificam que, para a primeira década analisada, a base da pirâmide é larga, “[...] com estreitamento brusco nas faixas etárias que correspondem à população economicamente ativa, o que deixa implícito o movimento de evasão populacional ao longo da década anterior”. Para as décadas de 1960 e 1970, verifica-se forte evasão populacional na faixa entre 20 e 44 anos. Somente a pirâmide de 1991 “[...] apresenta uma configuração arredondada, indicando além de uma população mais envelhecida, forte presença da população em idade economicamente ativa” (PAIVA; TOMA, 2005, p. 228). Os autores destacam que, a partir de 1990, verifica-se maior diversificação das atividades econômicas regionais (com a reativação da cafeicultura e da fruticultura, a criação de aves e suínos, bem como a criação do polo moveleiro de Ubá, o polo de empresas processadoras de alimentos em Visconde do Rio Branco, a instalação de fábricas

automotivas em Juiz de Fora e a expansão do polo educacional e de serviços na cidade de Viçosa), o que pode explicar o processo de retenção da mão de obra economicamente ativa e o movimento de retorno dos migrantes nesse período (2005).

É nesse contexto que podemos situar as trajetórias migratórias das famílias rurais aqui analisadas, situando os deslocamentos dos avós dos jovens participantes da pesquisa na década de 1960 e os deslocamentos de pais e tios entre as décadas de 1970 e 1980. As informações contidas nos questionários preenchidos pelos jovens permitem corroborar a análise de Paiva e Toma (2005) sobre a predominância da migração masculina na década de 1960, pois sobre esta época os jovens citam apenas os avós nesta época, e a presença feminina nas migrações rurais a partir da década de 1970, quando os jovens situam tias como migrantes.

Nas trajetórias migratórias familiares, os jovens incluíram avós (considerada a primeira geração), pais e tios (segunda geração) ou parentes da própria geração dos jovens (terceira geração), que realizaram percursos rural-urbano e rural-rural. No deslocamento com sentido rural-urbano, o principal motivo apresentado para as duas primeiras gerações foi a oportunidade de trabalho em outros estados da região sudeste, com destaque para a cidade de São Paulo, pois esta, de acordo com os jovens, oferecia ocupações com menor qualificação, a exemplo da construção civil e dos setores fabris. Já, para a terceira geração, a principal motivação do deslocamento é a oportunidade de realizar estudos de nível superior, incluindo percursos de pequenas cidades ou áreas rurais para cidades médias, a exemplo de Viçosa, ou mesmo para o exterior, sendo citados os Estados Unidos e a Alemanha como destinos já percorridos por irmãos e primos dos jovens. O sentido rural-rural foi identificado em função de casamento e apenas na geração de avós. Também cabe destacar que o

movimento de retorno ao meio rural foi verificado para cerca de 70% dos migrantes da primeira e da segunda geração das quais os jovens participantes da pesquisa descendem, com um período médio de 12 anos de permanência nos locais de destino.

Em seguida ao mapeamento das trajetórias, os jovens foram convidados a avaliar os resultados das migrações das duas gerações anteriores, contrapondo uma situação anterior e outra posterior à migração e justificando quais aspectos indicam, na sua interpretação, verificar se a situação familiar melhorou ou não após a trajetória. As respostas mostraram aspectos econômicos, sociais e subjetivos das modificações das condições de vida; e, para expressar as avaliações, os jovens recorreram às memórias familiares, às representações que os próprios migrantes elaboram sobre o passado, bem como às suas próprias percepções sobre as trajetórias familiares. Em suas respostas, os jovens se reportaram a fatos e histórias contadas pelos mais velhos, enfatizando que a circulação dessas narrativas e representações sobre o passado se dá em momentos de reunião familiar (SILVA; PAIT, 2016; MOSCOVICI, 2010). Nessas narrativas, reside o processo de rememorar uma experiência já ausente, a própria migração, interpretar o passado pelos olhos do presente e enaltecer os aspectos morais da trajetória, transformando a experiência em um texto exemplar que orienta e reforça a identidade familiar (JODELET, 2001).

As respostas dos jovens mostram uma valorização majoritariamente positiva, indicando que para essas famílias rurais a estratégia migrante resultou em “melhorar de vida”. Como dito anteriormente, a valorização positiva se estabelece em meio à circulação das representações no âmbito familiar, ou seja, resulta da comunicação social e, como afirma Jodelet (2001), passam a ser endossadas subjetivamente pelos mais jovens (Gráfico 1).

Além da visibilidade material obtida com a aquisição de propriedades após o retorno (ou migração de retorno), verifica-se que se tornar dono das próprias terras no passado é o que permite no presente o *sossego* e a aposentadoria (*aposentar*). Em uma análise mais geral da nuvem, é possível identificar na estratégia desses migrantes finalidades voltadas à constituição de uma família independente ou da manutenção de uma família já constituída (*casamento, família, filhos*), inclusive com perspectivas futuras de seus descendentes (*estudo*). Projetos como garantir o estudo dos filhos também figuraram nas narrativas dos jovens e foram interpretados como sacrifício intergeracional dos mais velhos pelos mais novos. Esse sacrifício lembrado nas histórias orais contadas em família confirmam que os “[...] migrantes são conscientes de que hoje seus filhos, por exemplo, têm uma vida melhor do que eles tiveram, mas também têm consciência de que o conforto deles dependeu do seu trabalho” (SILVA; PAIT, 2016, p. 67), isto é, que a estratégia foi representada por eles como bem-sucedida⁵.

A partir dessa avaliação dos jovens sobre as trajetórias familiares do passado, perguntou-se aos entrevistados quais seus projetos de vida em relação à migração e que estratégias serão desenvolvidas agora, por eles, para “melhorar de vida”, dado que já estão em deslocamento para cursar a universidade. A partir das respostas, foi elaborada a nuvem representada na Figura 2.



Figura 2: Nuvem de palavras para a terceira geração

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa (2019).

Diferentemente das gerações anteriores, o estudo é a principal motivação para os deslocamentos espaciais do segmento juvenil. Para os participantes da pesquisa, há reconhecimento de que o sacrifício dos pais resultou na melhoria das condições financeiras da família, permitindo, entre outras coisas, que os jovens se ausentem das propriedades rurais familiares e tenham suas despesas cobertas enquanto estão na cidade. Estar na *faculdade* denota que esses jovens estão em um patamar de escolaridade não experimentado pelas gerações anteriores, pois muitos são pioneiros em suas famílias no ingresso à graduação. Por meio dos termos correlatos a *estudar*, verifica-se que essa se constitui como uma estratégia para prestar *concurso*, realizar *intercambio*, ter acesso ao *exterior*, constituir uma *carreira* e obter *emprego* e *estabilidade*. Essas oportunidades estão situadas tanto no contexto urbano como rural, tanto no Brasil como no exterior, indicando que seus projetos de vida estão abertos a diversos campos de possibilidades ainda não claramente definidos (NEVES, 2017).

Assim como nas gerações anteriores, os jovens demonstram preocupação com aspectos financeiros, identificados nos termos *dinheiro*, *capital* e *estabilidade*. Também para os jovens, “melhorar de vida” implica *migrar*, *mudar*, *adaptar*, *conseguir* com vistas a um futuro *promissor*” Esses verbos indicam ações performativas de abertura e adaptação, refletindo a necessidade de flexibilidade por parte dos jovens frente aos desafios e à seletividade que o “melhorar de vida” impõe no mundo contemporâneo (BRITO, 2000; VELHO, 2004).

O sucesso na carreira e a estabilidade econômica, apesar de aparentemente indicarem projetos individualistas, pressupõem, como vários jovens afirmaram, o compromisso de retribuição aos sacrifícios familiares já feitos. Em contraste com as gerações anteriores, os jovens participantes da pesquisa não representam como projeto a construção de suas próprias famílias no curto prazo; no entanto, demonstram preocupação com os pais e avós. Nesse sentido, *dinheiro* e *capital* têm também como destino promover melhorias na *roça* e aumentar a produtividade (*produzir*) da propriedade rural de seus familiares, visando

a deixar o trabalho menos penoso. Jovens que frequentam cursos vinculados às Ciências Agrárias da UFV e que planejam retornar às propriedades dos pais após a conclusão da graduação expressam a intenção de utilizar os conhecimentos técnico-científicos aprendidos na formação universitária para modernizar as condições de trabalho e realizar uma gestão mais eficiente da produção agrícola. Para esses jovens, tais processos constituem outras estratégias para a família “melhorar de vida”.

Há de se ressaltar, ainda, a diferença estabelecida entre as gerações sobre os termos e significados de *trabalho* e *emprego*. Nas representações dos jovens, os mais velhos trabalharam, mas sob condições precárias e sem acesso a direitos sociais, em ofícios por tarefas descontínuas ou por sazonalidade, em ambientes insalubres e com baixa remuneração. Os jovens que almejam *emprego* o representam atualmente como cercado de maiores garantias, estruturado em etapas de carreira; então, ultrapassar cada uma destas já reflete em si “melhorar de vida”. Ademais, poder cursar uma faculdade para capacitar-se profissionalmente e responder às demandas de novas habilidades do mercado de trabalho contemporâneo também implica “melhorar de vida”, comparativamente às gerações de pais e avós às quais esse campo de possibilidades não estava aberto.

Considerações finais

Este estudo procurou identificar as estratégias e os resultados da migração para os projetos de “melhorar de vida” que impulsionam as famílias rurais, mapeando diferentes representações e significados ao longo do tempo de três gerações. Historicamente, as trajetórias familiares aqui descritas não são isoladas, nem atípicas; ao contrário, situam-se em eixos temporais nos quais se observam grandes movimentos migratórios da população rural da Zona da Mata Mineira em direção às capitais e grandes cidades dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Os resultados da pesquisa permitem indicar que, nas três gerações, o sentido espacial rural-urbano permanece, mas hoje as oportunidades

são encontradas em cidades médias e no exterior, ao contrário das áreas metropolitanas e capitais do Sudeste, que atraíram, e ao mesmo tempo restringiam, as alternativas disponíveis às gerações anteriores.

Uma diferença importante entre as gerações refere-se ao fato de que para os pais e avós dos jovens havia uma preocupação familiar que podemos chamar de prospectiva, porque muitos migrantes já haviam constituído família, inclusive com a presença de filhos, e a busca por “melhorar de vida” se traduzia como um projeto familiar. No caso dos jovens, a preocupação familiar é retrospectiva; embora o projeto da migração seja individual e sem a responsabilidade com cônjuges ou filhos, ele retroage na forma de retribuição aos seus ascendentes, notadamente os pais, embora não seja representado como sacrifício. Aqui se percebe uma ressignificação importante quanto à distribuição das conquistas migratórias e do “melhorar de vida” quando são focalizados os mais jovens ou os mais velhos. Nas falas dos jovens, se antes os pais se preocupavam com os filhos (e se *sacrificavam* por eles), agora os filhos se preocupam com os pais; mas, essa preocupação assume o significado de retribuição. Em ambos os casos, a lealdade familiar está presente.

Também foi possível identificar que a inserção no mundo do trabalho urbano foi direta para as gerações anteriores. Para a geração de jovens, essa inserção laboral é postergada e mediada pela fase dos estudos, representada como etapa obrigatória e seletiva para o plano de carreira. Os jovens reconhecem que foi o sacrifício dos mais velhos no passado que lhes possibilitou se ausentarem dos trabalhos agrícolas nas propriedades familiares e desfrutarem, no presente, de certo conforto e segurança nas cidades onde estudam.

Cabe destacar que a estratégia migratória para melhorar de vida das gerações anteriores já está concluída e seus resultados estão sancionados e rememorados pelas famílias. No entanto, para os jovens, tanto migrar como melhorar de vida ainda são processos em construção, com resultados imprevisíveis. Apesar dessa imprevisibilidade, as histórias familiares são exemplos do acervo cultural,

moral e ético que orienta os jovens a se constituírem como sujeitos autônomos.

Conclui-se que, embora a estratégia de migrar para melhorar de vida permaneça como projeto de vida das famílias rurais, houve modificações simbólicas e objetivas importantes quanto à localização das chamadas “terra de oportunidades”, aos parâmetros do que significa melhorar de vida na atualidade e aos diversos campos de possibilidades.

Agradecimento

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento da pesquisa.

Notas

1 Segundo Souza (2007, p. 112), o termo socioespacial faz referência ao espaço social e o termo socioespaço, com hífen, se refere “[...] simultaneamente às relações sociais que produzem e dão vida ao espaço, ao mesmo tempo em que são por ele condicionadas”. Catalão (2011), no entanto, entende que as duas significações estão contidas no termo socioespaço, sendo mais apropriado aos objetivos deste artigo.

2 Biagioni afirma que os estados do Rio de Janeiro e São Paulo se tornaram regiões de atração de migrantes, principalmente com a instalação de plantas industriais pesadas na década de 1950. “Esta concentração industrial acirrou o processo de concentração regional do desenvolvimento econômico. Juntamente com o crescimento vegetativo nacional elevado, o desenvolvimento econômico territorialmente concentrado nos dois estados levou ao aumento expressivo da migração interna com destino à região Sudeste em números relativos e absolutos de população” (BIAGIONI, 2012, p. 12).

3 Utilizando a teoria de Pierre Bourdieu sobre o habitus, Lucena entende que os deslocamentos operam justaposições de valores e significados culturais aos já transmitidos pela família de uma geração a outra, possibilitando a reinvenção das identidades (1997, p. 23); para Maciel, o habitus gera valores e práticas distintivas que “remetem a um estilo de vida socialmente valorizado”, ou seja, no sistema hierárquico das classificações, consumir “coisas” da cidade cria distinções e, portanto, “uma teia de relações de comparabilidade” (2013, p. 105).

4 Os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do preenchimento do questionário.

5 As representações familiares sobre o sacrifício podem deixar entrever uma leitura religiosa sobre a migração; no entanto, como a religiosidade das famílias rurais não foi abordada na pesquisa, utilizamos o termo no sentido das privações derivadas do afastamento do convívio família e das dificuldades de inserção social e laboral dos migrantes nos contextos urbanos. A ética do sacrifício, como explica Neves (2017, p. 10), visa a modificar condições de vida “socialmente qualificadas como inadequadas, mas passíveis de reordenação social”.

Referências

BACAL, Maria Elisa Almeida; MAGALHÃES, Andrea Seixas; CARNEIRO, Terezinha Feres. Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico*, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 454-462, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1994.

BIAGIONI, Daniel. Mobilidade social e migração interna no Brasil. *Centro de Estudos das Metrópoles (CEM/CEBRAP)*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, 2012. Disponível em: http://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/user_files/noticias/ckeditor/daniel_biagioni.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRITO, Fausto. Brasil, final de século: a transição para um novo padrão migratório?. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS – SESSÃO TEMÁTICA 26, 7.*, 2000, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2000. p. 1-44.

CATALÃO, Igor. Socioespacial ou sócio-espacial: continuando o debate. *Formação (Online)*, v. 2, n. 18, 2011. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/597>. Acesso em: 21 ago. 2019.

COMERFORD, John. Vigiar e narrar: sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 107-142, 2014.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

- FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- FRAGA, Gerson Wasen. Para ter o futuro da gente: migrações catarinenses para a grande Porto Alegre (1970-1989). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, ano 16, n. 15, p. 281-310, 2002.
- JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de (re) inventar: lembranças de migrantes**. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 1997.
- MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na migração rural-urbana para o interior de São Paulo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais – investigações em Psicologia Social**. São Paulo: Editora Vozes, 2010.
- NEVES, Delma Pessanha. Apresentação. *In*: MARIN, Joel Orlando Bevilaqua (Org.). **Agricultores familiares em migrações internacionais**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2017. p. 3-10.
- PAIVA, Maria Cristina S. de; TOMA, Paulo S. A dinâmica populacional da Zona da Mata mineira no período de 1960 a 1990. **Revista Científica da Faminas**, Muriaé, v. 1, n. 2, p. 213-233, 2005.
- SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. **Cadernos de pesquisa**, n. 91, p. 46-53, 1994. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/875>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.
- SILVA, Cinthia Xavier; PAIT, Heloísa. Memória e vivência: como as histórias da migração nordestina são contadas. **Percursos**, Marília, v. 2, n. 1, p. 65-75, 2016.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, 2007. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/573>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 35-53, 1990.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.